

## **Anexo 20**

### **Feedback síntese final (CT B8)**

## Questões críticas na construção do Projecto Curricular de Turma

	Síntese final
<b>Feedback da investigadora participante</b>	<p><b>Questão nuclear:</b> Os professores no seu discurso manifestam estar conscientes de que são capazes de identificar problemas. Porque será que, enquanto grupo profissional, não se mobilizam para fazer uso desta competência no âmbito da construção do Projecto Curricular de turma?</p> <p><b>Questões para reflexão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Directora de Turma referiu: “É preciso muito trabalho, muita persistência para que se coloque os professores a fazerem um trabalho conjunto. Dizem que fazem mas depois é um problema, não só porque não apresentam as possibilidades como não há tempo, espaço para que tal aconteça. Estas reuniões [intercalares] estão a acontecer por trabalho da gestão da escola. É preciso fazer muita ginástica para o conseguir sem colidir com a Lei. O trabalho da Direcção de Turma é um trabalho árduo, mas esta escola é fantástica. Tem uma equipa que atingiu uma maturidade que facilita muito toda a complexidade inerente à organização da escola. Ainda bem que vim do Secundário para o Básico, foi a melhor coisa que fiz. Pois, se o quisesse fazer este ano já não o iria conseguir, uma vez que fecharam os quadros. Só me arrependo de ter andado a inventar moradas para o meu filho ir para outra escola, foi uma pena. É um escola fantástica. Os pais dos alunos estão muito contentes com a escola e até fui ao Conselho Directivo dizer, porque também acho que não é só ir chatear, mas ir lá para saberem que o seu trabalho está a ser valorizado. Reconheço que esta qualidade se deve muito à organização, à gestão da escola. É um bom trabalho e estou muito contente por estar aqui a trabalhar. <p>Há muitas coisas mal que prejudicam o trabalho do professor. Veja-se, por exemplo, a progressão na carreira, vou entrar no 10º escalão e, depois, já não tenho que fazer mais nada, posso ficar quietinha à espera da reforma. Agora, o estar aqui, também é bom pelas relações interpessoais. É uma escola muito acolhedora, vem-se trabalhar com gosto, sabe bem estar na escola, há calor humano, é um bom ambiente. Uma colega, outro dia, dizia que esperava acabar o seu tempo de serviço no Secundário, mas eu espero poder acabar o meu aqui, nesta escola, estou muito contente”.</p> <p><b>A Tutela surge como não estando interessada nas necessidades dos professores, estes não se sentem envolvidos em decisões relacionadas com o seu trabalho, não se sentem valorizados como profissionais competentes. No entanto, há professores que se sentem valorizados pela comunidade educativa e envolvidos com os grupos de trabalho, sentem-se, de certo modo, profissionais com valor, proporcionando uma certa autoconfiança/segurança facilitadora de uma vontade de ir mais além. Porque será que num ambiente onde se considera haver relações de qualidade entre colegas e que a escola envolve ainda se desenvolve um trabalho profissional de forma tão individual? Tão cada um no seu canto?</b></p> <li>- A “avaliação das cruzinhas”, como dizem, parece ser resolvida no momento, não parece sujeita a grandes reflexões, é mais algo que parece resultar do momento, não se apresenta muito segura. <b>Como consideram a avaliação qualitativa no processo global de formação do aluno? Porquê a média dos testes para justificar o poder ou não atribuir um determinado nível?</b></li> <li>- Todos se mostraram interessados em resolver problemas dos alunos, sem, no entanto, se ver uma proposta cabal, clara, negociada. Com excepção de um trabalho neste sentido, no que respeita aos três alunos diagnosticados. Contudo, as opiniões divergem, não são unânimes/consensuais nos “veredictos”. São situações que se apresentam muito complexas, com necessidade de intervenção de muitos “especialistas” e a tarefa vê-se dificultada, mas todo o trabalho decorre com um certo humor, quebrando um pouco a dureza das situações/casos. <b>Não poderia o Projecto Curricular de Turma ter funcionado como uma alavanca de integração, resultando de um compromisso profissional de todo o Conselho de Turma? Qual o significado que lhe atribuem? A procura de compromisso profissional é necessário, mas como evitar que se situe num patchwork de decisões, em que cada um fica com o suficiente para se sentir satisfeito por um determinado tempo?</b></li> <li>- A Directora de Turma, num Conselho Turma para avaliação, propôs as alunas Surdas para os Currículos Alternativos. Pois, achava que: “As alunas não vão dar continuidade aos estudos. É um problema, uma dor de cabeça desnecessária, não consigo comunicar com elas, é muito difícil. Sei que não posso tomar esta decisão sozinha e por isso ponho-a à discussão”. As colegas do Apoio/Ensino Especial manifestaram discordância, disseram: “Nem pensar. Elas não têm nenhum problema que o justifique. É muito injusto, o facto de não terem um intérprete, levar a uma penalização deste tipo, serem excluídas, nem pensar!” Todos concordaram ser difícil trabalhar com as alunas, mas solidarizaram-se com os argumentos das colegas do Apoio/Ensino Especial. A colega do Ensino Especial referiu que as alunas tinham que ser tratadas de igual modo, pois eram capazes como os outros colegas e que era muito importante o intérprete. Nada justificava serem penalizadas ou favorecidas pelo facto de não o terem. <b>Parece-nos claro que as escolas e as estruturas de apoio têm de trabalhar de forma conjunta para dar resposta às solicitações. A educação inclusiva envolve a escola como um todo. Sendo assim, não poderá o Projecto Curricular de Turma constituir um espaço de decisões comuns, comprometido não só com a inclusão, mas também com as metas, os princípios estabelecidos pelo Conselho de Turma/Escola, onde se reconhecem as necessidades de desenvolvimento dos alunos, dos professores e da escola?</b></li> <li>- <b>O que faltou para o Projecto Curricular de Turma se constituir num dispositivo de mudança das práticas?</b></li> </li></ul>

<b>Comentário da Directora de Turma</b>	<p>A primeira questão, lutar um bocado contra a própria resistência e nem todos estão dispostos a isso. Também tem a ver com a progressão de carreira, não há estímulo para fazer o que quer que seja. Chegam ao 10º escalão e ficam à espera da reforma e, ao prolongar-se a reforma, mais se agrava, faz-se os mínimos.</p> <p>É necessário vencer esta inércia. Por um lado, temos a formação inicial, ainda agora os estagiários estão desarticulados. Depois, vêm para cá sabendo que estão desempregados (temos a ministra a dizer que para os não motivar tanto vão deixar de ser remunerados).</p> <p>Cada um tem “defeitos de individualismo”.</p> <p>A “avaliação das cruzinhas” – a questão da carga horária está muito mal, só um bloco por semana. Quantas turmas tenho que ter para fazer as 22h, senão tivesse a área de Projecto, tinha que ter 11 turmas! Não há tempo para conhecer/trabalhar esta avaliação, é difícil conhecer qualitativamente os alunos.</p> <p>Por exemplo, as alunas surdas, era importante ter aulas teóricas só para elas, colegas de linguagem gestual. Pois, os do ensino especializado, não podem acompanhar e o professor não se sente preparado para lidar com estas questões. Os professores de NEE são todos muito pela integração, nas disciplinas de carácter prático tudo bem, no teórico é complicado.</p> <p>O PCT poderia ser plataforma se os professores trabalhassem em conjunto/partilha. No 3º Ciclo não considero que haja uma cultura de Projecto.</p> <p>Faltou uma DT com mais experiência para lidar com estas questões, desconhecia. No secundário não existiam e isto associa-se à tal inércia e à dificuldade que os colegas apresentam a participar nestas coisas e a questão dos tempos lectivos, distribuição. Mas, essencialmente, as pessoas têm muito pouca disponibilidade para trabalhar nestas questões. Há uma dificuldade em separar o profissional do pessoal – está inserido num contexto social que não é favorável.</p> <p>Para que possa constituir um dispositivo de mudança temos que nos empenhar mais, vencer esta inércia, mas, por vezes, estamos cansados de todas estas situações.</p> <p>Para muitos dos colegas, o ensino, foi uma profissão de recurso. Antigamente, o Ministério, mais no Secundário, recorria-se a este recurso. Para muitos o interesse não era o ensino, mas surge como recurso, agravado quando associado à falta de estímulos por parte da Administração Central. Por exemplo, assumir o Conselho Executivo é complicado, ninguém quer, porque não têm compensações que justifique tanta responsabilidade, tanto trabalho.</p>
---	---